

Fábrica de histórias: uma possibilidade de se trabalhar a língua escrita

Alexsandra F. Teles

Escola Municipal Rotariano Arthur Silva

Marinalva D. C. Francisco

Escola Municipal Clóvis Beviláqua

Francisco Mattos

Colégio Pedro II & UERJ

Christine Sertã Costa

Colégio Pedro II & PUC-Rio

Resumo

Muitas são as dificuldades de se proporem práticas pedagógicas por meio das quais os alunos desenvolvam habilidades de leitura e escrita, necessárias ao pleno exercício da cidadania na sociedade. Este artigo visa apresentar o trabalho de criação de um recurso pedagógico dimensionado como uma "ferramenta" de apoio ao ensino da leitura e da escrita. Foi elaborado por duas professoras do Ensino Fundamental de escolas públicas do Rio de Janeiro e batizado de "Fábrica de Histórias". Sem ter a pretensão de resolver a complexidade concernente a esse ensino, acredita-se que o presente trabalho possa contribuir neste campo uma vez que além de discutir a necessidade da escola investir em atividades que propiciem o ensino e a aprendizagem da língua materna desde o ingresso da criança na escola, também relata a aplicação e construção do recurso didático criado com este objetivo.

Palavras-chave: recurso didático, linguagem escrita, ensino, aprendizagem.

Abstract

There are many obstacles to proposals of pedagogical practices through which students can develop the reading and writing skills that are necessary to the full exercise of citizenship in society. This article presents the creation of an educational resource as a "tool" to support the teaching of reading and writing. It was prepared by two teachers from an elementary public school in Rio de Janeiro and named "Story Factory". Without intending to solve the complexity concerning the teaching of these skills, it is believed that this article can contribute to the field. Besides discussing the need to invest in school activities that facilitate the teaching and learning of the mother tongue from the moment the child enters school, it also reports on the application and construction of a teaching resource created with this goal.

Keywords: teaching resource, written language, teaching, learning.

INTRODUÇÃO

Tradicionalmente, só depois de compreenderem o funcionamento do sistema de escrita alfabético é que as crianças começam a pensar sobre a língua escrita. Este adiamento, bem como a ênfase em exercícios gramaticais interpretativos e de redação descontextualizados, após o período de alfabetização, têm dificultado o aprendizado pleno da leitura e da escrita. Por isto, nos diferentes níveis de escolaridade, se ouve a queixa por parte dos professores de que os alunos mostram dificuldade para interpretar e produzir textos. Pouco se ensina sobre o funcionamento da língua escrita, que pressupõe conhecimento da linguagem característica dos diferentes gêneros textuais (TEBEROSKY, 2001; SOUZA, 2007).

Hoje se sabe que o que mais colabora para um sujeito produzir bons textos é a qualidade do seu contato com a língua escrita e que a melhor forma de aprender sobre ela é oportunizar aos alunos acesso aos diferentes gêneros textuais que circulam socialmente. Conforme Teberosky (2001, p.15), “Se o professor é capaz de oferecer uma ajuda efetiva quanto à diversidade das situações de uso, a criança poderá aprender, por meio desse uso, as regras de funcionamento da linguagem escrita”.

Assim como é difícil escolher as atividades “ideais” para que se desenvolvam as habilidades de leitura e escrita em nossos alunos, avaliar e escolher os recursos e meios mais eficientes e eficazes, no sentido de se alcançarem os objetivos traçados, também é tarefa bem difícil, tendo em vista que, como postula Souza (2007, p.111),

O professor deve ter formação e competência para utilizar os recursos didáticos que estão ao seu alcance e muita criatividade, ou até mesmo construir com seus alunos, pois ao manipular esses objetos, a criança tem a possibilidade de assimilar melhor o conteúdo.

Tomando como base tais referências, foi criada a "Fábrica de Histórias", um recurso utilizado em aulas de leitura e produção textual com os seguintes objetivos:

- Desenvolver o gosto pela leitura e pela escrita.
- Familiarizar o aluno com o texto literário, a fim de identificar seu caráter ficcional e/ou poético.
- Ampliar conhecimentos sobre a linguagem escrita.
- Aprender sobre as características de um texto narrativo.
- Identificar as partes que compõem uma narrativa.
- Produzir textos narrativos, observando as características deste tipo de texto.

O presente artigo, portanto, visa discutir os conteúdos que embasam a utilização do recurso proposto, relatar a sua utilização, analisar brevemente os resultados observados.

O QUE SE QUER ENSINAR?

O professor, ao utilizar um recurso didático, deve definir o que deseja ensinar e os objetivos que deseja alcançar. É importante aqui salientar que o recurso aqui apresentado não visa o ensino de um conteúdo específico, mas objetiva desenvolver habilidades de leitura e escrita. É necessário, neste caso, verificar o que é possível e o que é necessário ensinar, na escola, no que se refere à leitura e à escrita (LERNER, 2007).

Para criar bons textos as crianças precisam ter construído um repertório de linguagem escrita, pois sem isto, elas se pautam exclusivamente em suas experiências com a linguagem oral para criar seus textos. Conforme Rego (1995, p. 39): "...mesmo na criação literária os modelos são necessários e importantes, pois é a partir deles que nascem novos escritores. Todo escritor sofre ou sofreu, influências literárias em alguma etapa de sua carreira, influências que lhe permitiram a criação de um estilo próprio". Processos semelhantes ocorrem na aprendizagem dos diferentes gêneros textuais. Para se ensinar a ler e a escrever de fato é fundamental que se trabalhe com a diversidade textual em sala de aula, para possibilitar aos alunos a aprendizagem sobre especificidades da linguagem escrita. Contribui-se para este propósito, "alterando-se as condições de leitura e produção de texto na escola, de modo que a criança conviva com as regras discursivas do texto escrito e possa, assim construir seu conhecimento e fazer uso delas." (SOARES, 2011, p. 113).

Então o acesso aos diferentes textos deve estar presente no cotidiano escolar. Conforme os PCNs de Língua Portuguesa, é importante: "possibilitar aos alunos a escolha de suas leituras. Fora da escola, a obra ou o gênero são decisões do leitor. Tanto quanto for possível, é necessário que isso se preserve na escola" (1997, p. 59). No caso da "Fábrica de Histórias", foi privilegiada a aprendizagem do gênero conto por meio de leituras, recontos, reescritas e produções autorais. Também o compartilhamento de textos que apresentam qualidades literárias por meio da leitura em voz alta por parte do professor ou de um aluno é estratégico para a aprendizagem da

língua escrita, mesmo para alguém que ainda não lê sozinho. Ainda afirmam os PCNs, “Quando são lidas histórias ou notícias de jornal para crianças que ainda não sabem ler e escrever convencionalmente, ensina-se a elas como são organizados estes dois gêneros: desde o vocabulário adequado a cada um, até os recursos coesivos que lhes são característicos.” (1997, p. 34).

Ensinar a ler e a escrever é um desafio que transcende amplamente a alfabetização em sentido estrito. “O desafio que a escola enfrenta hoje é o de incorporar todos os alunos à cultura do escrito e o de conseguir que todos seus ex-alunos cheguem a ser membros plenos de uma comunidade de leitores e escritores”. (LERNER, p.17)

O grande desafio, portanto, é formar alunos praticantes da leitura e da escrita, tanto na escola, como no seu dia a dia. Logo, não se trata apenas de promover aulas para que os alunos decifrem textos, mas, que, acima de tudo, lhes possibilitem ser capazes de ler e escrever para além da escola. Para isso, propusemos e aplicamos um recurso na tentativa de mudar a visão e ação da escola no que concerne ao ensino de leitura e escrita, a “Fábrica de Histórias”, construída a partir das reflexões, após aplicações piloto do projeto em duas escolas do município do Rio de Janeiro.

DESCRIÇÃO DO RECURSO

Descrição da "Fábrica de Histórias":

Este recurso é composto por uma caixa grande contendo quatro caixas menores caracterizadas por:

- Caixa de personagens - contendo ilustrações e/ou nomes de personagens;
- Caixa de cenários - contendo ilustrações e/ou nomes de cenários;
- Caixa de aventuras - contendo textos curtos sobre conflitos e/ou clímax de histórias;
- Caixas de finais - contendo textos curtos sobre desfechos de histórias.

A partir desse material os alunos criaram seus “livros” com histórias próprias, ilustraram, ensaiaram a leitura e apresentaram em sala.

Os livros finais também podem ser “editados”, com novas contribuições e estas novas ideias passam então a também fazer parte da fábrica.

O recurso conta também com Manual, colado na tampa da caixa maior.



Figura 1: Uma versão da Fábrica de Histórias

APLICAÇÕES NO “CHÃO DE ESCOLAS”

A “Fábrica de Histórias” foi concebida como parte dos estudos da disciplina Recursos Didáticos no Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica do Colégio Pedro II – MPPEB-CP2. As alunas do curso aplicaram o recurso em duas turmas de escolas municipais do Rio de Janeiro: uma turma de 7^o ano do Ensino Fundamental e outra de alfabetização de Educação de Jovens e Adultos. Esse recurso foi aprimorado durante a aplicação e atualmente faz parte do projeto pedagógico das escolas em que as professoras mestrandas trabalham. No 7^o Ano, o recurso foi aplicado em três etapas. Inicialmente foram propostas atividades relacionadas à construção das caixas com suas respectivas fichas, em que a turma foi encaminhada à biblioteca da escola e dividida em grupos de cinco alunos, os quais construíram um repertório de leitura e reconhecimento das estruturas que compõem o gênero escolhido: terror. Após a leitura, a professora propôs que listassem os tipos de personagens frequentes nas histórias lidas e solicitou que cada grupo descrevesse oralmente estes personagens e os cenários. Em seguida, recontaram a história para a turma e foram orientados a apresentarem um possível desfecho. A partir daquele momento, seriam operários

fabricando novos finais para aquelas histórias. Começava assim, a nossa “Fábrica de Histórias”.

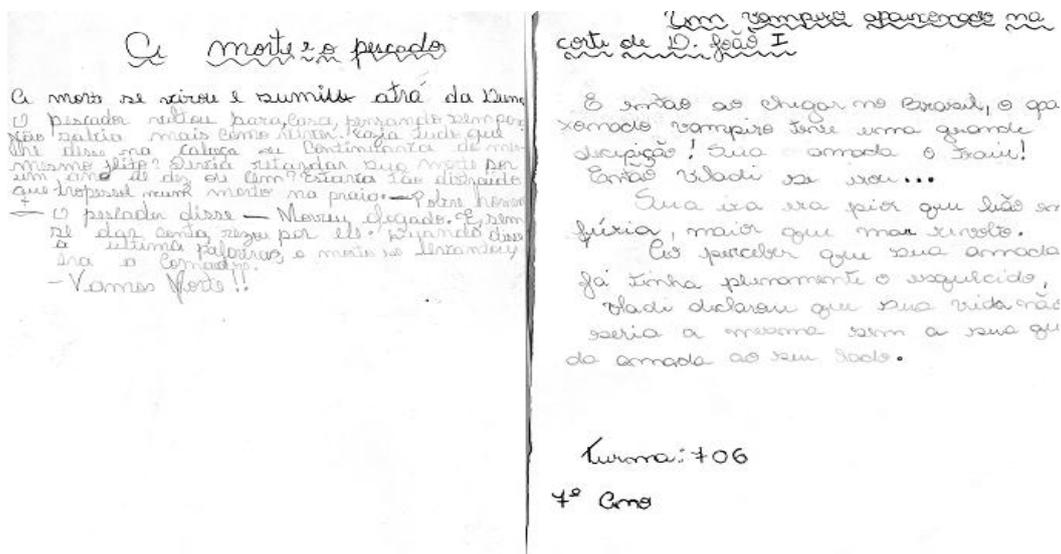


Figura 2: Desfechos produzidos por alunos do 7º ano



Figura 3: Alunos na biblioteca

Na segunda etapa, foi afixada no quadro uma folha com os elementos, personagem e ambiente de uma narrativa. Em uma outra, definições de situação inicial, conflito gerador, clímax e desfecho.



Figura 4: Alunos construindo a sua “Fábrica”

Na terceira etapa a professora leu **O homem trocado**, de Luís Fernando Veríssimo, e dividiu o texto nas partes estruturantes da narrativa - situação inicial, conflito, clímax e desfecho. Entregou cada parte do texto dividido aos alunos, aos quais caberia colocar cada parte na caixa adequada.



Figura 5: Alunos identificando as partes da história

Percebeu-se que os alunos se motivaram a produzir seus textos, visto que se sentiram autores da aula, pois participaram da construção do recurso, leram os textos, escolheram os seus grupos e ainda os livros que iriam ler, embora, mediados, o tempo todo, pela professora.

A aplicação na turma de alfabetização de Educação de Jovens e Adultos (EJA) priorizou um tipo de texto que agradasse aos alunos, o escolhido foi “Malasartes – Histórias de um camarada chamado Pedro” de Augusto Pessoa. A "Fábrica" neste caso foi adequada aos limites do calendário letivo da EJA e, devido às características próprias deste segmento, os textos que apresentavam os cenários, as descrições de personagens, os conflitos, o clímax e o desfecho foram previamente escritos pela professora e apresentados aos alunos para que estes formassem as histórias.



Figura 6: Alunos organizando suas histórias

A princípio foi solicitado aos alunos que tentassem ler os trechos apresentados. Quem ainda não sabia ler contou com a ajuda de um colega que já é capaz de fazê-lo. O

fato de os alunos serem chamados a pensar sobre quem são as personagens, em que cenário se encontram, que conflitos aconteceram e como a história se encerrou foi avaliado obviamente como positivo na aplicação do recurso, tanto que os alunos conseguiram cumprir a tarefa com a ajuda da professora. Para a nova “Fábrica”, como pode ser vista na figura 7, a professora foi registrando a história, enquanto um aluno a criava com a ajuda dos colegas.



Figura 7: Alunos do EJA utilizando a Fábrica

COMO AS ATIVIDADES PROPOSTAS NA "FÁBRICA" TRABALHAM A LINGUAGEM ESCRITA

Recontos.

Os alunos podem ser convidados a recontar histórias conhecidas de memória, por já terem sido lidas pela própria criança ou pela professora algumas vezes e/ou serem mais apreciadas, se pautando pelas "instruções da fábrica". O reconto permite ao professor avaliar o repertório de linguagem escrita das crianças que ainda não se alfabetizaram. Com as devidas intervenções, os alunos passam a observar gradualmente uma maior fidelidade ao texto original, utilizando estruturas características da linguagem escrita.

Conforme Rego (1995, p. 37-38):

[...]Com base nessas evidências é possível propor que há um processo de aquisição da língua escrita que se inicia espontaneamente a partir de um interesse da criança em reproduzir atos de leitura. Esse processo independe de um ensino explícito de regras gramaticais e de um domínio dos mecanismos de codificação e decodificação da escrita, permitindo que uma criança comece a se tornar letrada mesmo antes de aprender a ler.

Reescritas

Esta atividade permite avaliar o repertório de linguagem escrita das crianças: se sabem como se inicia uma história, se usam pronomes ou conectivos, se fazem uso de marcações de tempo, se observam o que já foi escrito e o que falta escrever, se observam coerência e coesão, etc. Pressupõe várias revisões, observando os aspectos já mencionados e outros.

Trabalhos autorais

Os alunos podem utilizar o enredo de uma história conhecida ou suas partes (início, meio e fim) ou personagens conhecidos para produzir outros textos; criar o início, o meio ou o final de uma história conhecida; mudar o foco narrativo, ao reescrever uma história já conhecida; produzir textos integralmente autorais. Seria interessante contar com colaborações, como a realização de oficinas que permitam a consulta a diferentes portadores de textos que apresentem o gênero narrativo e a utilização de jogos, brinquedos ou gravuras confeccionados e/ou selecionados pelos próprios alunos, com o propósito de facilitar a criação de ideias.

Assim como na reescrita, um aluno que não sabe escrever convencionalmente pode exercitar a autoria, basta lhe propor produzir a história oralmente, enquanto um colega ou a professora registra. Conforme os PCNs de Língua Portuguesa: “Um aluno que produz um texto, ditando-o para que outro escreva, produz um texto escrito, isto é, um texto cuja forma é escrita ainda que a via seja oral... Essa diferenciação é que torna possível uma pedagogia da transmissão oral para ensinar a linguagem que se usa para escrever.” (1997, p. 34)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É necessário e possível oportunizar aos alunos, mesmo quando eles ainda não leem e escrevem convencionalmente, atividades que objetivem a aprendizagem sobre o funcionamento da língua escrita. Pois este conhecimento embasa e desencadeia a construção de uma série de outros que contribuem para a formação de leitores e

escritores competentes, capazes de se comunicar, se informar e se divertir por meio da leitura e da escrita.

Para isso, faz-se necessário que o docente garanta aos discentes a oportunidade de aprenderem sobre a linguagem escrita de forma contínua durante a vida escolar, por meio de atividades nas quais se espera que o aluno desenvolva uma série de competências. Ao se oportunizar diferentes e frequentes momentos de leitura, o aluno paulatinamente aprende a fazer uso das estratégias de leitura, ou seja, a realizar "um trabalho ativo de construção do significado do texto a partir do que está buscando nele, do conhecimento que já possui a respeito do assunto, do autor e do que sabe sobre a língua - características do gênero, do portador, do sistema de escrita..." (BRASIL, 2001) e conseqüentemente a ler oralmente com entonação e ritmo - possibilitando que se compreenda uma história contada por ele, além da aprendizagem de outros comportamentos leitores. Já em relação à escrita, é preciso que o aluno aprenda a definir para quem e para quem está escrevendo e, ainda, como fazer isso. Especificamente, na narrativa, os alunos precisam ser orientados, na hora da produção escrita, e, posteriormente, na revisão, sobre aspectos ortográficos; estruturação do discurso direto e indireto; os tempos verbais; as várias maneiras de se estabelecer a coesão do texto, entre outras muitas possibilidades. Todo esse trabalho só terá sentido e terá chances de sucesso, se for realizado dentro de um contexto em que ler e escrever faça sentido e tenha utilidade, de forma semelhante ao que ocorre fora da escola. Como afirma Lerner,

Considerar que o objeto de ensino se constrói tomando como referência as práticas de leitura e escrita supõe - já se notou - determinar um lugar importante para o que os leitores e escritores fazem, supõe conceber como conteúdos fundamentais do ensino os comportamentos do leitor, os comportamentos do escritor. (2002, p.62).

O que se percebe, entretanto, é que infelizmente, apesar de haver esforços, poucos alunos conseguem desenvolver tais habilidades até o final do Ensino Fundamental. Evidentemente, muitas são as causas desse quadro, e dentre os problemas pode-se identificar a escolha de um recurso didático inadequado, o que traz como consequência o não desenvolvimento das habilidades necessárias.

Cabe, portanto, ao professor adequar o recurso ao nível de dificuldade da atividade proposta, bem como considerar o que é preciso ensinar, de acordo com o ano de escolaridade e, principalmente, com o conhecimento da turma, conforme relatamos neste trabalho.

A partir do exposto, pode-se dizer que é possível a utilização de materiais que auxiliem no complexo processo de ensino-aprendizagem, mas, sobretudo, que o professor, ao utilizar tal recurso, deve ter claros e bem definidos os objetivos que pretende alcançar e, mais ainda, deve ter em mente aquilo que quer ensinar e para quem vai ensinar (PILETE, 2000). Esse professor precisa ter consciência de que os recursos utilizados em sala de aula devem estar ligados a situações que sejam significativas para os alunos. A partir desta experiência, avalia-se que a “Fábrica” pode contribuir para o ensino da linguagem escrita.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais de 1ª a 4ª série. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb>

_____. Programa de formação de professores alfabetizadores. Brasília: MEC/SEF, 2001. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb>

MOTTA-ROTH, D.; HENDGES, G. R. (2010). *Produção textual na universidade*, São Paulo: Parábola Editorial.

LERNER, D. (2002). *Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário*. Tradução de Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed.

SOARES, M. (2011). *Alfabetização e letramento*. 6. ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto.

PESSOA, A. (2007). *Malasartes: Histórias de um camarada chamado Pedro*. São Paulo: Rocco.

PILETI, C. (1987). *Didática geral*, 8. ed. São Paulo. Ática.

REGO, L. L. B. (1995). *Literatura infantil: uma nova perspectiva da alfabetização na pré-escola (Por onde começar?)*. São Paulo: FTD.

RONCA, A. C. C.; ESCOBAR, V. F. (1984). *Técnicas pedagógicas: domesticação ou desafio à participação?* 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes.

SOUZA, S. E. (2007). *O uso dos recursos didáticos no Ensino Escolar*. In: I Encontro de Pesquisa em Educação, IV Jornada de prática de Ensino da EEM: Infância e Práticas Educativas. Arq. Mudi.

TEBEROSKY, A. (2001). *Psicopedagogia da linguagem escrita*. Petrópolis, RJ: Vozes.

VERÍSSIMO, L. F. (2001). *Comédias para se ler na escola*. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva.

OS AUTORES

Alexsandra F. Teles é professora da Escola Municipal Rotariano Arthur Silva e mestranda do Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica do Colégio Pedro II.

Marinalva D. C. Francisco é professora da Escola Municipal Clóvis Beviláqua e mestranda do Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica do Colégio Pedro II.

Francisco Roberto Pinto Mattos é doutor pela COPPE/UFRJ e Coordenador do Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica no Colégio Pedro II.

E-mail: francisco.mattos@gmail.com

Christine Sertã Costa é doutora em Pesquisa Operacional pela COPPE/UFRJ, professora de Matemática do Colégio Pedro II e da PUC-Rio e membro do corpo docente do Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica no Colégio Pedro II e do PROFMAT/PUC-Rio. Coordena o Programa de Residência Docente no Colégio Pedro II.

E-mail: cserta@globob.com